

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: Reflexões sobre o que vi, vivenciei e aprendi no Estágio
Supervisionado no Curso de Ciências Sociais**

Adriano Correa de Souza,
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Naviraí,
adriano.c.desouza@hotmail.com

Marco Antonio Costa da Silva,
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Naviraí,
jtemda@gmail.com

Telma Romilda Duarte Vaz,
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Naviraí,
trdvaz@gmail.com

RESUMO

A realização do estágio supervisionado por parte de estudantes de sociologia tem sido alvo recente de pesquisas acadêmicas. O artigo tem como objetivo realizar um relato de experiência sobre a trajetória acadêmica do primeiro autor, enquanto estudante do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul do Câmpus de Naviraí-MS, no estágio supervisionado. O relato mostra que a realização do estágio é fundamental para a formação acadêmica em um curso de licenciatura e proporciona ao estudante maior contato com as condições de trabalho, geralmente preocupantes para o futuro professor. O estudo mostra ainda os conflitos e a trajetória do acadêmico e suas reflexões sobre a escola e sua própria formação no curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Palavras-Chave: Relato de Experiência; Estágio Supervisionado; Sociologia; Ciências Sociais.

1 INTRODUÇÃO

A temática a ser abordada neste artigo trata de minhas reflexões sobre o papel e a importância que o estágio supervisionado tem no curso de licenciatura em ciências, em especial, para minha formação como professor. Parece não existir dúvidas por parte de especialistas em educação sobre a importância da realização de estágio para formação do professor (FREITAS, 2007; OLIVEIRA, BARBOSA, 2013; MARIANO, FRANCO; 2017).

Não obstante aos avanços que a legislação sobre a realização de estágio experimentou ao longo dos anos, isso do ponto do campo teórico-metodológico-empírico, sua realização não é tarefa fácil para nós estudantes, da mesma forma para professores e escolas que recebem os estudantes. Se por um lado os avanços têm permitido experiências e vivências coletivas importantes em relação ao trabalho docente que extrapolam a sala de aula (ZAN, 2011), por outro é importante refletir sobre as dificuldades e os problemas significativos enfrentados para sua realização.

Cabe ressaltar, no entanto, que o objetivo aqui não é discutir os aspectos legais e os avanços e retrocessos da aplicação da disciplina de sociologia no ensino médio. Não desprezo aqui a tensão existente nas mudanças de legislação que ora não valorizam o ensino da sociologia, ora valorizam, e atualmente tentam extinguir-la do currículo do ensino médio. O atual contexto político não é nada favorável, pelo contrário, o ensino de sociologia enfrenta problemas sérios para se manter como disciplina no ensino médio brasileiro.

Não se trata de desprezar a importância que essa discussão no contexto do estágio supervisionado, também não é o caso de desprezar outras variáveis e questões que têm grande relevância no contexto dessa discussão. Meu objetivo aqui como pesquisa é relatar minhas experiências na realização do estágio supervisionado, ao mesmo tempo, poder contribuir com a ressignificação dessa prática para outros estudantes e com muita parcimônia, para possíveis melhorias na forma como essa disciplina é ministrada na escola e na universidade.

Importante destacar que o relato de experiência é uma estratégia de pesquisa que vem sendo cada vez mais adotada no campo da educação por apresentar uma metodologia que dá voz ao indivíduo que, ao mesmo tempo em que rememora suas experiências, reflete sobre elas e produz uma nova compreensão da realidade, o que o torna capaz de promover as mudanças e transformações em seu entorno além de oferecer ao leitor um relato empírico de sua trajetória.

Dessa forma, a relevância dessa metodologia está no fato de que oferece ao leitor uma oportunidade de refletir junto ao autor sobre uma experiência real.

2 O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E A FORMAÇÃO DOCENTE - PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Acredito ser impossível falarmos de cursos de ciências sociais sem antes falarmos um pouco de como se estruturou esta área de conhecimento no Brasil, pois é certo que sua obrigatoriedade nas escolas é assunto bem recente. Então pretendo fazer uma breve e resumida descrição histórica de como isto se deu em nosso país.

A sociologia foi inserida no Brasil pela primeira vez após a proclamação da república com a reforma protagonizada por Benjamin Constante em 1891, e colocava no país um esquema educacional completo, inspirado em Augusto Conte. Neste contexto, a sociologia foi introduzida como disciplina obrigatória nos cursos superiores, médio e militar. Entretanto, a proposta da disciplina tinha uma abordagem voltada para o cumprimento de direitos e deveres constitucionais dos cidadãos, objetivando a construção de um estado-nação (RESES, 2004). Entretanto, com o afastamento de Benjamin do ministério, e logo depois sua morte, a reforma foi aos poucos sendo abandonada e saiu das grades sem se quer ter sido ofertada (NUNES, 1999).

Na década de 1925 a sociologia volta a fazer parte do ensino médio Brasileiro com a reforma Rocha Vaz, no governo de Artur Bernardes, sendo oferecida apenas para a sexta série ginasial para quem tivesse o interesse em ter um diploma de Bacharel em ciências e letras (MEUCCI, 2000). Somente no ano de 1928 a sociologia se tornaria obrigatória no magistério no estado do Rio de Janeiro e em Pernambuco. Destaca-se que nesta época estava acontecendo a revolução de 30 que deu origem por exemplo a criação do ministério da educação (decreto n. 19.850, de 14 de novembro de 1930), que culminou na reforma Francisco Campos em 1931, fazendo com que a sociologia voltasse a ser ofertada para os cursos preparatórios de alunos para o ingresso aos cursos superiores (NUNES, 1999, p.99).

Uma observação importante que deve ser registrada sobre o contexto histórico é o fato de que apenas os filhos da elite tinham acesso a estes cursos ou estudos que envolviam a sociologia. Com o decreto do estado novo em 1937, de caráter ditatorial e conservador, o governo produz mudanças na educação do país, e em 1942 entra em vigor Lei número 4.244,

denominada reforma Capanema, onde um dos vários decretos assinados extingue a obrigatoriedade de oferta da sociologia nos cursos secundários (TOMAZINI, 2004).

É fato que neste período do estado novo a sociologia era vista como uma ameaça subversiva. A ideia de ter pessoas discutindo sobre greve, movimento social, movimento trabalhista, o papel da mulher na sociedade, bem como outros temas de importância social considerado muito ameaçador e inadmissível, culminando assim, com a retirada da disciplina de sociologia do ensino médio a disciplina (NUNES, 1999).

Na década de 60 foi elaborada a primeira lei de diretrizes e bases da educação a (LDB), entretanto nada mudou com relação a oferta da disciplina de sociologia no país, pelo contrário, o golpe militar de 64, intensificou o abismo e, em todo o período militar, não foi possível discutir o retorno da sociologia aos currículos escolares no Brasil. Após um longo período, na década de 80, com o início do processo de redemocratização política a sociologia volta a ganhar espaço em alguns estados Brasileiros como, São Paulo, Para, Distrito Federal, Pernambuco, Rio Grande do Sul, e Rio de Janeiro.

No período de 1997 a 2001, uma nova proposta de inclusão da sociologia tramitou pelo congresso nacional cumprindo sendo aprovada pelo presidente, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, que a vetou alegando falta de recursos e falta de profissionais para atender a demanda de trabalho. No ano de 2006 foi elaborado um novo parecer do conselho nacional de educação tornando obrigatório a inclusão da sociologia na grade curricular do ensino médio, em todas as escolas do país, públicas e privadas, (BRAGANÇA, 2001).

É evidente que a sociologia é uma área do conhecimento muito jovem no Brasil, e também fica claro o quanto ela foi excluída do currículo escolar para atender os interesses dos poderosos, que com certeza temiam uma sociedade que fosse capaz de questionar ou simplesmente fazer reclamações ao estado para ter direitos sociais. Apresentadas brevemente as formas em que a sociologia entra e sai dos currículos escolares no Brasil, é hora de pensarmos um pouco como funcionam os cursos de ciências sociais e como acontece a formação docente destes profissionais a partir do estágio supervisionado.

2.1 O Papel do Estágio na Formação Docente

É impossível negar que o estágio seja de extrema importância na formação de um professor, tão importante que no dia 25 de setembro de 2008, foi sancionada pela lei n. 11.788,

de autoria textual do congresso nacional, sancionada pelo então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, que tornava obrigatória e indispensável para a formação de professores e outros profissionais. O objetivo ali expresso era o aperfeiçoamento e aprofundamento destes profissionais em suas futuras funções que irão desempenhar como professores e ou trabalhadores da educação.

Antes, cabe ressaltar que não pretendo me aprofundar em detalhes técnicos das leis e obrigatoriedades do estágio, aqui muito mais me interessa discutir os aspectos materiais do estágio e suas peculiaridades desta relação entre estagiário futuro professor e aluno. Pretendo me limitar aqui na formação apenas do professor de sociologia que de pronto já se mostra algo novo no Brasil.

De acordo com Carvalho (2004) a disciplina de sociologia demorou a fazer parte de forma definitiva do currículo obrigatório da educação básica, prejudicando a sua tradição entre as disciplinas e o seu desenvolvimento. Isso inclui também uma elaboração muito jovem de uma metodologia adequada de estágio, pois, a sociologia é uma disciplina bastante crítica e teórica então basicamente não é fácil adequar uma boa prática pedagógica para potencializar os resultados que podem ser obtidos quando bem pensados os métodos de transmissão de um conhecimento tão extenso e teórico a nível de compreensão de estudantes do ensino médio.

Segundo Vigotski (2010) para que o ensino seja eficaz, o aluno precisa perceber a relação entre o seu conhecimento prévio e o conhecimento que a ele está sendo apresentado na escola. No entanto, está claro que não existe formula pronta para alcançar resultados, é preciso praticar e a única forma de praticar antes de ir para a sala de aula já como professor, é estagiando. Com isso, o professor pode buscar métodos didáticos que fujam dos que convencionalmente são utilizados na sala de aula e que se apresentem de forma mais atrativa aos alunos, a fim de que a sua capacidade reflexiva seja desenvolvida em detrimento de conhecer a matéria apenas para realizar uma atividade ou ter sucesso em algum teste (GASPARN, 2012).

Estes autores nos reforçam a importância dos estágios como ferramenta fundamental para uma prática mais elaborada para o exercício de preparação e execução das aulas e de práticas ao ministrar uma aula. É possível reconhecer que o estágio possui a capacidade de trazer o professor em formação para a realidade cotidiana da escola, conhecer seus trâmites, sua

dinâmica, os processos de integração que lá ocorrem, e principalmente, observar e desenvolver uma prática docente em sua área de formação (AMURABI, 2013).

Outro fator que merece ser destacado ainda nesse ponto diz respeito a necessidade de se observar o fazer discente, pois, por vezes, o licenciando tende a centrar seu relato de estágio apenas na observação da prática docente, todavia, devemos reconhecer que o que acontece na escola é mais do que apenas o que o professor faz, e devemos reconhecer que a nossa observação será inócuia se o estagiário não analisar essa prática, afinal, quais são os recursos didáticos que despertam um maior interesse dos alunos, quais tipos de leituras são mais chamativas, quais atividades mobilizam os alunos, que tipo de relação ocorre naquele espaço, tem violência e etc. Tais questões mostram-se de suma importância para o estagiário em sua vivência na escola.

Destaca-se ainda que além da dimensão da observação ao qual o aluno é submetido no estágio, é importante ressaltar que o estágio possibilita uma intensa troca de experiência entre o professor regente e o estagiário, pois ambos saem mais enriquecidos dessa relação (NEVES; MELO, 2012).

Contudo, o estágio deve ser problematizado de forma crítica em que a prática docente é analisada e repensada de acordo com a realidade escolar da escola observada, incluindo também nesta análise as condições de trabalho do professor, a realidade da disciplina de sociologia no ensino médio, as condições socioeconômicas dos alunos destas escolas, a presença ou ausência de interesse pela disciplina por parte dos alunos. Todos estes fatores devem ser levados em consideração por parte do estagiário quando for fazer suas análises e seus relatórios de estágio, pois não deve ser uma mera descrição dos acontecimentos em sala de aula, acredito que esta observação deve ser de forma analítica e reflexiva para proporcionar a criação de novos métodos de abordagem de conteúdo dentro da sala de aula.

No estágio supervisionado temos o momento que coroa todo o seu percurso, a regência da disciplina em sala de aula, que contrariamente às situações de simulação de micro aula junto aos demais colegas de estágio dentro do espaço da universidade, envolve alunos reais, por assim, que foram até então objeto da observação atenta do estagiário. (AMURABI, 2013). E no momento da aula o aluno tem a difícil missão de transformar seu conhecimento teórico, acumulado ao longo do seu curso de graduação em ciências sociais, em um conhecimento

escolar, afinal, o espaço da sala de aula é o lócus por excelência da recontextualização curricular (BERNESTEIN, 2003).

Destaca-se ainda a importância de estar atento a questões relacionadas a violência nas escolas o que tem ocorrido tanto com professores quanto com alunos. Trata-se de uma questão polêmica e que precisa ser enfrentada por todos. Em meus relatórios de estágio relatei situações de descaso dos alunos nas aulas de sociologia, muita indisciplina, escolas sem estrutura tecnológica para estimular mais interesse pelas aulas, violência contra professor, violência entre os alunos, presença de drogas nas escolas, atuação do tráfico de drogas na porta das escolas, e agora vivemos o enfraquecimento da filosofia e sociologia por parte do governo federal, estimulando a sociedade a tratar com mais desprezo ainda, estas áreas do conhecimento que já não estão tão consolidadas no ensino médio.

Não quero aqui fazer análise política de governo algum, não é o objetivo deste artigo, ainda que tenha clareza de que esse aspecto tem impacto direto no tema, mas é preciso levantarmos todas as problemáticas para termos a visão clara de que não é apenas um fator que está levando ao estado atual de abandono da disciplina de sociologia. Conforme destaca VILELA (2006), já a longa a situação de desgaste do professor e isso não está associada apenas ao excesso de alunos em sala de aula, mas a outras influências da jornada e das condições gerais de trabalho acrescidas da condição de enfrentamento do professor de questões de ordem social e econômica, tais como desprestígio da profissão e exposição de vida social moderna estressante.

É evidente que os problemas da educação não se resumem aos problemas dos profissionais de educação, é também responsabilidade da sociedade. Assim, é importante reconhecer que o mal-estar relacionado a profissão docente se fortalece na falta de apoio da sociedade, nas críticas, na negação de legitimidade à escola para desempenhar um papel fundamental para a formação de sujeitos profissionais e cidadãos.

Apenas apontei novamente parte destes problemas já descritos pelos autores acima para reforçar o quanto é importante o estágio nas escolas, pois no momento que tivermos contato com tais problemas na prática, com certeza estaremos mais preparados para iniciar os trabalhos com novas abordagens, pensando em novas metodologias para tentar reverter esta realidade. Além disso o estágio pode ser um perfeito laboratório de experiências para que podem nos

servir futuramente até mesmo para mudar políticas públicas, buscando um melhor aproveitamento deste conhecimento da sociologia.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e exploratória. As reflexões realizadas nesta pesquisa foram construídas com base na realização do estágio supervisionado do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, do Câmpus de Naviraí – UFMS-CPNV.

O estágio supervisionado foi realizado em 4 semestres e em 2 escolas públicas municipais diferentes. A escolha das escolas se deu de forma intencional, sendo escolhida uma escola do centro da cidade, mais central e supostamente com perfil um pouco mais elitizado e uma escola de periferia com perfil de alunos menos favorecidos do ponto de vista econômico. Tal escolha, a priori, permitiria verificar se ocorreriam diferenças entre esses grupos do ponto de vista da oferta da disciplina de sociologia.

É importante destacar ainda que o estágio supervisionado foi realizado no período noturno. Essa escolha se justifica pela opção do pesquisador que trabalhava durante o período diurno e não poderia realizar o estágio em outro momento.

Destaca-se que as atividades de estágio supervisionado foram realizadas parte em sala, parte com regência. As atividades em sala de aula tinham o objetivo de preparar o acadêmico em termos teórico-metodológico para acompanhamento das aulas, bem como para planejar e realizar as atividades elaboração dos relatórios parciais e finais do estágio.

O relato de experiência constitui uma modalidade de pesquisa que permite um aproveitamento maior das experiências do pesquisador, sem, no entanto, eximi-lo do rigor científico. Nesse sentido, vale lembrar o autor espanhol Jorge Larossa Bondía (2017), que escreve sobre o sentido da experiência, alertando-nos para seu verdadeiro significado. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. (BONDÍA, 2017, p.22).

Dessa forma, o sujeito da experiência em Larrosa Bondía é aquele capaz de superar a simples informação, a opinião, o trabalho, o saber, o julgar, o fazer, o poder, o querer e de sentir

a experiência como algo que lhe passa de forma sensível, é capaz de ser afetado de algum modo e por isso é também capaz de produzir afetos, de inscrever marcas, deixar vestígios e alguns efeitos, pois como diz sabiamente, a experiência é “aquilo que nos acontece, nos sucede” (p. 23). É desse sujeito da experiência, portanto, que trata esse estudo.

4. RELATO DE EXPERIÊNCIA – MINHAS PERCEPÇÕES SOBRE ESTÁGIO

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER 1987 p. 143 apud BONDÍA, 2017, p. 25).

A formação do professor de ciências sociais é realmente muito complexa, e falando especialmente de minha experiência, posso garantir que neste curso trabalhamos incansavelmente diversas teorias de diversas correntes teóricas, além de trabalharmos várias áreas do conhecimento como: antropologia, história, economia política, geografia humana, geopolítica, sociologia. Outra vertente que teve foco no curso foram as disciplinas de licenciatura onde estudamos disciplinas como, didática, prática, prática de ensino, estágio, estágio na escola, dentre outras voltada para formação do professor, o que nos habilitou no ponto de vista teórico-metodológico para enfrentar a atividade de estágio supervisionado.

Esta formação que hoje pode formar bacharéis ou licenciados, faz jus ao seu caráter teórico ou didático, como por exemplo, quem faz bacharelado tem uma formação do início até o fim totalmente teórica e voltada para o olhar pesquisador, com abordagens técnicas para pesquisa de campo, laudos de pesquisa, entre outras tarefas pertinentes ao cargo. Já no caso da licenciatura, temos um curso também bastante carga teórica, entretanto, com uma abordagem de formação do professor bem estruturada, principalmente a partir do terceiro ano de curso quando temos várias disciplinas de prática, didática e estágios.

É importante observar um detalhe, quem faz bacharelado não pode dar aulas sem antes fazer as disciplinas de licenciatura, e quem faz licenciatura não pode assinar laudos técnicos de pesquisa, ou fazer pesquisa de caráter técnico para órgãos de governo ou privados que precisem

III Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

10 a 13 de setembro de 2019 | Naviraí - MS



de assinatura de um pesquisador bacharel (na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS campos de Naviraí o curso é oferecido é de licenciatura).

Para melhor compreensão do contexto do estágio é esclarecer que no momento em que realizei o estágio carga horária obrigatória do curso era de 2844 horas, sendo que 136 horas eram de disciplinas optativas obrigatórias que precisam ser cursadas no decorrer do curso, estas disciplinas são ofertadas todos os semestres e o estudante deve escolher as que preferir cursar para cumprir esta exigência do curso, ou para enriquecer seu próprio currículo acadêmico.

A UFMS exigia, na época em que realizei o curso, para o seu quadro de professores efetivos título de no mínimo mestrado. Tive o privilégio de estudar neste curso com professores efetivos com título de Doutorado, somente não tive aulas com professores Doutores quando por ventura cursei disciplinas com professores contratados, que na minha avaliação eram quase sempre ótimos profissionais. É importante dizer que em sua maioria os professores eram muito dedicados nos seus ofícios, e que muitos continuavam estudando e fazendo pesquisa dentro e fora do Brasil.

Foi possível observar com relação aos professores que, aqueles que tinham vindo de uma experiência nas escolas públicas e eram fruto de formação acadêmica das licenciaturas, que notavelmente tinham muito mais facilidade de transmitir os seus conhecimentos acumulados, que muitas vezes eram conhecimentos que tinham uma linguagem muito complexa. Já os professores que não tinham essa experiência, tinham dificuldade de transmitir conhecimento complexo com uma linguagem mais simples ou um pouco mais didática.

Uma inferência que faço é essa perspectiva pode ter relação direta com a forma como se organiza o estágio nas universidades. No momento em que realizei o curso, as disciplinas de estágios eram realizadas em quatro semestres, sendo duas aulas por semana, uma dessas aulas era realizada na universidade onde trabalhávamos muitas teorias referentes as práticas e didáticas, realizávamos seminários simulando uma aula na escola e na outra aula realizávamos o estágio na escola escolhida pelo acadêmico.

A disciplina de estágio contemplava um total de 448 horas da nossa formação na UFMS visando melhorar esta prática nas escolas. Por fim, podemos afirmar que na licenciatura tão importante quanto estudarmos teorias, é fundamental praticarmos o momento de lecionar para que a aprendizagem na prática ocorra e para que possamos transmitir conhecimentos que são ainda tão jovens em nosso país, e que ainda são assuntos muito complexos e de

desconhecimento da nossa juventude. Tal fato ocorre por não termos uma tradição nos campos das ciências humanas, em especial das ciências sociais, no ensino médio.

Entendo, que talvez, devêssemos partir da ideia de como fazer com que as aulas acontecessem, e como fazer os alunos entender e relacionar os temas das aulas com o seu cotidiano para que eles pudessem encontrar sentido em estudar a matéria de sociologia, e acredito que não tem outra maneira de fazer isto se não, com a realização de práticas onde o saber do professor é “treinado” em sua formação inicial, o que pode acontecer com a prática do estágio nas escolas. A seguir é apresentado e discutido minha experiência vivida no estágio supervisionado quando da realização do curso de ciências sociais na UFMS e Naviraí.

Minha primeira aula de estágio foi em 2014, já no quinto semestre do curso de ciências sociais, a disciplina tinha o nome de estágio obrigatório em ciências sociais I e foi ministrada serviu como base de apoio para termos uma noção de como iniciarmos a nossa primeira experiência de pesquisa em campo escolar, fizemos leituras sobre prática, didática e pesquisa.

Também neste semestre, dentre as diversas leituras e discussões em sala de aula, apresentamos seminários simulando uma aula na escola com plano de aula e conteúdos didáticos. As aulas de estágio ocupavam dois dias por semana, sendo que uma era de teorias e didáticas na universidade e a outra era de estágio em uma determinada escola pública.

Do ponto de vista das questões burocráticas do estágio na escola, o professor responsável pela disciplina nos entregava um documento impresso pela UFMS que era na verdade a nossa apresentação formal como interessados ou como candidatos a uma vaga de estágio na escola previamente escolhida pelo aluno, sujeito neste momento a ser aceito ou rejeitado pela escola a qual pretendia estagiar. E sobre isto não tive conhecimento de algum caso de rejeição por parte da escola, e no meu caso, fui bem recebido pela coordenação e pelos professores das aulas que estagiei.

No sexto semestre tivemos estágio II. Essa disciplina seguiu um plano de aula também muito teórico no início, mas que logo passou a ter aulas práticas com apresentações de seminários, discussões em sala de aula com leituras feitas em casa e nos deu uma base bem solida com relação as práticas realizadas em sala, já que precisaríamos dela para realizar a nossa primeira regência supervisionada. O professor trabalhou também em sala assuntos relevantes na escola como, a indisciplina e violência nas escolas, a escola na comunidade, a relação professor aluno, a organização do trabalho docente, método de ensino, planejamento escolar,

plano de ensino, plano de aula, dentre outros assuntos. Com essa preparação fomos ao estágio novamente.

Já no ano de 2015, sétimo e oitavo semestre, trabalhamos intensamente seminários, regências, planos de aula, e, principalmente, o relatório final dos estágios dos quais eu pretendo detalhar e me aprofundar depois que descrever como se iniciou a preparação teórica e prática para mergulharmos em um momento tão importante e decisivo para todos que pretendem seguir carreira como professor com temas como o ambiente escolar e suas relações sociais e políticas, a atuação do professor e o ato de reger uma aula, análise de currículo estadual de sociologia no ensino médio e tantos outros assuntos.

Entendo que o fato de termos tido três professores diferentes, e ainda, o fato de que fiz estágio em duas escolas diferentes me propiciou uma riqueza de formação mais ampla. As diferentes perspectivas e formas de ministrar dos professores, ainda que com um tema comum que era o estágio, ampliaram ainda mais minha formação. Devo destacar que a opção por estagiar em duas escolas, sendo uma delas no centro da cidade e a outra em um bairro de periferia, ambas públicas, foi uma estratégia que escolhi para ter experiências em dois contextos bem diferentes, sendo uma escola do centro e outra da periferia. A escola localizada no centro comercial de Naviraí é a escola presidente Médici, e a segunda escola localizada no bairro jardim paraíso antes tinha o nome de Milton Dias Porto, mas como a demanda de pedidos de matrícula na escola Presidente Médici era maior do que a oferta de vagas e grande parte dos alunos que procuravam estas vagas eram moradores do bairro jardim paraíso, então fizeram da escola Milton Dias Porto uma extensão da escola Médici.

A escola a qual eu estagiei primeiro, foi a escola Médici e lá fiz meus estágios em aulas de sociologia, filosofia e história. Na escola Médici extensão também estagiei nas disciplinas de filosofia, sociologia e história. Boa parte dos alunos da escola Médici apesar de ser uma escola localizada no centro da cidade eram alunos moradores de bairros ditos de periferia, como o bairro jardim paraíso, varjão, João de Barro, sol nascente, vila alta, e outros. Mas não posso deixar de observar que estes alunos específicos que descrevi aqui eram alunos que frequentavam o período noturno da escola, apresentando nos períodos matutino e vespertino um público de regiões bem diferente. Já na extensão, o perfil de alunos era exclusivamente do bairro jardim paraíso e bairros vizinhos como vila alta, vila nova, tanto no período matutino quanto nos períodos vespertino e noturno.

III Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

10 a 13 de setembro de 2019 | Naviraí - MS



Meus dois primeiros semestres de estágio foram realizados na escola Presidente Médici onde estagiei na aula de sociologia supervisionado pela professora Regiane, e nas aulas de filosofia com o professor Alcione, e nas aulas de história com a professora Conceição.

Infelizmente nesta escola só pude estagiar em salas do terceiro ano, para não tumultuar as aulas com muitos estagiários já que éramos vários para estagiar nesta escola por sua localidade. Por este motivo disputamos vagas e nos organizamos assim, dividindo turmas por estagiários, então fiquei com os terceiros anos.

Estagiei em três salas diferentes ao decorrer do ano letivo inteiro nas salas do terceiro E, terceiro F, e terceiro G, de forma que de maneira quase generalizada as salas eram bem parecidas no aspecto de infraestrutura e no seu núcleo de alunos também, as turmas eram basicamente compostas por alunos de no máximo 30 anos de idade, sendo sua maioria mulheres, resultando em uma média de 12 mulheres e 4 ou 5 homens em cada sala.

A primeira coisa que me chamou atenção é que as salas tinham poucos alunos, sendo que a sala de terceiro era a que tinha um número maior de alunos, 17. Não vou aqui detalhar todas as aulas até mesmo porque quase todas nesta escola tiveram um resultado parecido, mas é importante apresentar minhas percepções sobre o conjunto dessas aulas.

A primeira aula que assisti foi na matéria de filosofia. O professor iniciou a aula usando o livro didático da escola com o tema da aula do dia, (dificuldades para a democracia no Brasil). Em seguida tentou trabalhar o tema democracia iniciando pela Grécia antiga, mas infelizmente foi várias vezes interrompido por vários alunos que não estavam dispostos a trabalhar os assuntos da aula. Mesmo assim o professor persistiu e tentou passar os conteúdos, infelizmente sem muito sucesso, poucos alunos interagiram com a aula e o conteúdo, e sem cometer nenhum exagero, tenho certeza que foram cerca de três ou quatro alunos que participaram de verdade da aula. Neste momento já pude perceber que não seria fácil fazer os estágios, mas me coloquei otimista e fui para a próxima aula, ainda no mesmo dia, que foi de história.

Nesta aula não teve conteúdo, pois a professora estava aplicando uma avaliação, que por sinal era de recuperação. O que me chamou a atenção é que quase todos os alunos com exceção de três alunas, estavam de recuperação, e o mais surpreendente é que mesmo de exame custou muito trabalho a professora para conseguir silêncio e organização para aplicar a prova. Estagiei ainda neste mesmo dia em outra sala na mesma matéria, e como era dia de exame na

disciplina de história, também era terceiro ano, a professora aplicou exame onde observei o mesmo comportamento da anterior, também com muitos alunos de recuperação.

Ao fim deste dia fiquei bastante surpreso de ver o quanto o ambiente escolar, ao menos naquela escola que estava estagiando, tinha mudado tanto, já que em um intervalo de tempo menor que dez anos eu tinha sido aluno desta mesma escola, mas como tinha aprendido em minhas aulas teóricas na universidade a não tirar conclusões precipitadas, apenas fiz meu relatório diário e segui com os estágios.

Na outra semana, mais precisamente no dia 14/04/2014, minha primeira aula de estágio foi de sociologia. Nesta aula a professora trouxe para trabalhar em sala um conto infantil com o tema (A cigarra e a formiguinha). O texto foi entregue aos alunos impresso o que foi feito pela professora com seus próprios recursos, trouxe de sua casa para cada um dos alunos. O objetivo a atividade com o material era facilitar a compreensão por parte dos alunos sobre como se deu a construção do trabalho na sociedade e a sua importância na construção do que se tornariam as várias funções de trabalho essenciais para a manutenção social. Mas mesmo trabalhando desta forma a professora não teve muito sucesso na aplicação do conteúdo tendo por parte da sala muito barulho e conversas que obrigavam a professora interromper a aula para tentar conter os tumultos. Mais uma vez, do meu ponto de vista, a aula não foi bem improductiva.

Ainda neste mesmo dia estagiei em outra sala na mesma matéria de sociologia e a professora aplicou o mesmo trabalho da sala anterior, mas com o mesmo resultado, muito tumulto, conversa e um certo desrespeito com a professora que já aparentava estar muito cansada, não sei dizer se fisicamente, psologicamente, possivelmente, os dois.

Neste mesmo dia assisti a última aula de estágio na disciplina de filosofia, e nesta aula o professor passou um trabalho de pesquisa sobre (a política Brasileira) usando o material didático e pediu aos alunos que entregassem na mesma aula pois se tratava de um pequeno texto extremamente resumido com talvez uma única página. Sinceramente, não me lembro de ver se quer um aluno entregar o trabalho no fim da aula. Então, o professor ao fim da aula percebendo que os alunos não tinham feito o trabalho permitiu que trouxessem na próxima aula. É importante registrar aqui que os alunos neste período que foi destinado ao trabalho usaram o tempo passeando pelos corredores e alguns até mesmo atrapalhando as aulas de outras salas. O que pode parecer exagero em relação a minha descrição, entretanto foi literalmente o que ocorreu.

Já no dia 28/04/2014, a primeira aula que assisti foi de filosofia, o professor neste dia trouxe de sua própria casa um equipamento para que a sala pudesse assistir um vídeo chamado “Cidadania o que eu tenho a ver com isto?”. Neste dia o tumulto e conversas não interromperam a aula porque os desinteressados logo que começou o vídeo saíram da sala aos poucos, mas o que me preocupou nesta ocasião é que restaram na sala apenas seis alunos dos 16 presentes.

A próxima aula deste mesmo dia foi de história então fiquei na mesma sala desta vez. A professora começou organizando grupos para trabalhar um conteúdo do material didático, mas poucos alunos voltaram para a sala de aula depois de terem saído na aula anterior. A ao menos para aqueles que ficaram, a aula aconteceu com pouca interrupção dos alunos. Vou citar apenas estes relatórios nesta fase de primeiro semestre porque os próximos se mostram muito repetitivos, também aqui não quero afirmar nada, mas para mim nesta fase inicial foi muito difícil encarar esta mudança tão radical em uma escola que estudei. Senti uma extrema sensação de descaso por parte dos alunos com as disciplinas das humanas que eu estagiei.

Já avançando para a segunda fase do estágio, mais precisamente no dia 20/10/2014, minha primeira aula foi na disciplina de história. A organização da sala estava quase intacta com um pequeno agravante, a sala que já tinha poucos alunos agora tinha cerca de três a quatro desistentes por sala, e uma das meninas do terceiro G ficou grávida durante o ano letivo e pelas conversas que tive com a garota de apenas 16 anos de idade, ia desistir de estudar porque teria que morar com o pai da criança e ele não permitiria mais que ela fosse a escola. Estou relatando este caso para tentar registrar aqui um dos casos mais comuns de desistência de meninas ainda menores de idade dos seus estudos no ensino médio de escolas públicas em Naviraí o que expressa um problema que ocorre em muitos municípios do Brasil. Nesta aula a professora desenvolveu um trabalho em sala de aula formando grupos pequenos e a aula dentro do possível aconteceu um pouco melhor que no início do ano.

A próxima aula foi de filosofia nesta mesma sala, e o professor tentou trabalhar Maquiavel. Os alunos tumultuaram completamente a sala de aula, frustrando as expectativas do professor que visivelmente apresentava um nível de estresse muito grande. Não sou especialista, mas o professor parecia estar emocionalmente abalado com aquela situação chegando ao ponto de desistir de continuar tentando passar o conteúdo da aula. Acredito que com mais este relatório posso fechar as observações que fiz nesta escola, pois as aulas estagiadas posteriormente, tiveram o mesmo resultado, além do mais com mais poucos estágios em sala

eu logo completei a minha carga horaria obrigatória e então não fui mais a escola naquele período.

A análise que faço sobre minha observação nesta escola me permite afirmar que por parte dos alunos não havia interesse nas disciplinas. Parecia que para eles era indiferente aprender ou não os conteúdos das matérias, mas reconheço que está indiferença era mais concentrada nas disciplinas de filosofia e sociologia. Nas aulas de história, apesar de ter verificado também muita bagunça, existia um grupo bem maior de alunos interessados em estudar os conteúdos, diferentemente da filosofia e sociologia que as aulas simplesmente não aconteciam, e notadamente não era por falta de didática ou práticas metodológicas diversificadas dos professores. Essa questão pode ter inúmeras respostas e minhas conjecturas junto aos professores que assinam comigo esse artigo indicam que a dificuldade está no desprezo histórico com que a sociedade e o próprio sistema educacional têm tratado as disciplinas de filosofia e sociologia. É também visível a ausência de uma visão crítica que conduza a reflexão sobre a relevância da filosofia e da sociologia, bem como, o esclarecimento de suas utilidades práticas. Não por acaso governos ditatoriais e neoliberais têm banido essas disciplinas do currículo escolar reforçando a ideia de inutilidade dessas disciplinas que, ao contrário, se configuram como uma direção segura e necessária para a formação humana e desenvolvimento do saber crítico e consciente. Outros motivos que levam a esse descaso em relação à filosofia e à sociologia precisam ser melhor investigados. É importante ressaltar nessa análise que a questão não é culpar os alunos com relação ao que ocorre, pois são vítimas de um sistema social perverso do qual a educação faz parte. Assim, compreender melhor esse contexto é condição fundamental para sua transformação.

Do ponto de vista dos professores, ainda que alguns deles estivessem a vários anos na profissão, foi possível ver muito comprometimento para continuar em frente, apesar de tantos problemas desanimadores. Alguns desses problemas passam pela falta de material didático impresso, o que os levava a custear com seu próprio salário, falta de equipamentos tecnológicos na escola para tornar suas aulas mais interessantes, o que os levava muitas vezes utilizar seus próprios equipamentos, o problema do desrespeito por parte dos alunos, a desvalorização de suas áreas de conhecimento por parte dos agentes públicos e dos próprios alunos, bem como pelos baixos salários. A questão é complexa, mas pode constituir um ponto de partida para compreendermos parte do desprezo de parte dos alunos para com estas disciplinas.

III Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

10 a 13 de setembro de 2019 | Naviraí - MS



Agora pretendo entrar nos relatórios de estágio da extensão da escola Médici que fica localizada no bairro jardim paraíso. Nesta escola observei situações mais graves que na escola do centro da cidade, e ao fim dos relatos tentarei expressar as minhas observações em uma espécie de conclusão baseada nos meus relatórios e observações de estágio. No ano de 2015 iniciei a disciplina de estágio III, e no dia 30/03/2015 estagiei na disciplina de sociologia supervisionado pela professora a qual não vou citar seu nome por não ter mais contato com ela, e por este motivo não pude pedir sua autorização para revelar sua identidade, já que vou descrever aqui acontecimentos que considero mais graves.

A escola extensão do Médici no jardim paraíso tinha uma estrutura parecida com a da escola Médici, no entanto era menor em termos de área total. As salas eram bem conservadas, com boa iluminação e ventiladores. Nesta escola estagiei em salas de primeiro, segundo, e terceiro ano com uma média de 25 a 30 alunos cada, sendo também com maioria de mulheres. A extensão tinha bem mais alunos matriculados e frequentando as aulas do que a sede no centro. Neste dia fui apresentado para os alunos em sala pela professora e em seguida começou a aula. Os alunos apresentavam um trabalho para a professora que envolvia música que tratava da ditadura militar no Brasil. Então, a professora iniciou seu trabalho fazendo uma breve explanação histórica sobre o momento vivido no país, a sala estava atenta a sua fala quando um grupo de alunos começou a fazer imitações de animais em quanto a professora falava. Esse comportamento de alguns alunos causou um momento constrangedor para a professora que tentou advertir os alunos, mas um destes alunos levantou de sua cadeira e com muita violência gritou, esbravejou e a ofendeu com vários xingamentos, eu não acreditei que aquilo estava acontecendo. A professora ficou em estado de choque, sem reagir a nada simplesmente calada e assustada, o garoto não parava de ir cada vez mais perto dela com sua agressividade, quando dois outros garotos que estavam com ele o convenceram a sair da sala de aula.

Depois deste episódio, a aula que estava praticamente no início acabou, a professora ficou muito abalada e me lembro dela não se queixar na coordenação. Resolvi conversar com ela minutos depois, que me contou que o garoto tinha envolvimento com tráfico de drogas no bairro e que também usava drogas e, por este motivo, as vezes tinha um comportamento agressivo. Então perguntei porque não denunciava a polícia. Me respondeu que o garoto era perigoso e que por várias vezes foi visto por seus colegas portando arma de fogo na escola, e que não queria problemas, só queria dar as aulas e ir para casa em paz. Tinha tanto medo que me pediu para não relatar esta situação em meus relatórios.

III Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação 10 a 13 de setembro de 2019 | Naviraí - MS



Dando sequência a minha participação nas aulas, no dia 06/04/2015 estava na sala do segundo ano J, na aula de sociologia. A sala foi organizada em grupos e para realização de um trabalho, que por sinal foi bem realizado, apesar de não terem terminado nesta aula. Neste mesmo dia, na mesma disciplina, estagiei também no segundo K, e nesta sala a professora também passou o mesmo trabalho da sala anterior. Entretanto nesta sala o trabalho não aconteceu, pois, a professora gastou muita energia para tentar controlar a sala. Já neste mesmo dia, mas na sala do primeiro K, a professora passou um vídeo sobre pessoas que conviveram com animais e, isto provocou muita curiosidade nos alunos, fato que fez com a aula fosse mais produtiva, fluindo muito bem com pouca conversa paralela e muita participação, a professora tinha como objetivo tratar do comportamento humano, acredito que tenha conseguido.

No dia 13/04/2015 estava estagiando na aula de sociologia com a mesma professora, que realizou um trabalho em sala para todas as suas turmas. Notei que a professora permitiu que as turmas ficassem muito descontraídos e os alunos conversavam e brincavam em sala. Percebi que a professora não parecia estar muito bem, mesmo assim passou por todas as salas que tinha aula e eu a acompanhei com meus estágios, mas quando voltei a estagiar novamente já no estágio IV, quando cheguei em sala fiquei sabendo na escola que a professora estava afastada por atestado médico e que não era a primeira vez, conversei com uma outra professora que me contou que os problemas da professora eram sérios pois o afastamento foi concedido por um psiquiatra. Segundo a colega, a professora de sociologia reclamava de vários problemas enfrentados nas escolas. Cabe destacar aqui uma faceta perversa do trabalho do professor que é o adoecimento na realização de suas atividades, fato que acomete cada vez mais professores e tem tomado ares de epidemia em algumas escolas, principalmente as de periferia.

Então, devido a este fato ocorrido, passei a assistir aulas de sociologia com o professor Paulo. Sua aula iniciou com uma atividade em grupo que se organizaram. Percebi que a maioria dos alunos desta escola estavam participando das aulas e dos conteúdos. O grande problema que encontrei nesta escola era a presença de drogas, alunos supostamente armados muito, desrespeito com os professores, mas apesar de tudo isto ainda restavam alunos muito interessados nas aulas e conteúdos e quando os garotos que estavam envolvidos com tráfico e drogas não compareciam a escola, as aulas fluíam muito bem.

Um dos casos que para mim foi mais sério ocorreu com uma garota que parou de frequentar as aulas pois estava com medo de perder a vida. Seu irmão tinha sido assassinado e

o assassino que não estava preso, por motivos que eu desconheço, e estava ameaçando a família dela, que por segurança, até o ultimo dia que fui aos estágios não compareceu mais à escola, não tive mais notícias dela. Estagiei nesta escola mais vezes e em outras disciplinas, mas o ritmo e a dinâmica das aulas e das disciplinas eram muito parecidos.

Fazendo uma breve analise dos alunos, apesar de ser uma escola com presença de violência, drogas e alguns conflitos, boa parte dos alunos conseguiam tocar as aulas e os estudos. Talvez seja porque o bairro onde está localizada a escola seja de periferia e os alunos como são moradores locais, esse tipo de situação parece estar naturalizado para eles, não percebi sentimento de medo ou estranheza entre eles. Agora, por parte dos professores eu pude perceber um sentimento de medo, talvez angustia, decepção uma certa frustração, em alguns, com certeza, um sentimento de humilhação, talvez por ter estudado tanto dedicado uma vida para transmitir conhecimento para os filhos da sociedade, recebendo salários baixos, enfrentando violência em sala de aula, desrespeito dentro e fora da escola, e o resultado de tudo isto é um histórico de profissionais frustrados, humilhados com sua sanidade mental comprometida por sofrer tanto descaso de toda uma sociedade que não valoriza o formador de todas as profissões que são os professores. Não era difícil perceber o quanto eles se preocupavam e até mesmo se envolviam com os problemas particulares e, até mesmo familiares de seus alunos.

5 CONCLUSÕES

O objetivo deste estudo foi apresentar um relato de experiência sobre a realização de meu estágio supervisionado enquanto estudante do curso de ciências sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Naviraí. A reflexão sobre os estágios e os autores citados no texto acima, me permitem fazer algumas considerações. A primeira delas é a constatação de que o ensino de sociologia enfrenta múltiplos problemas que vão muito além da universidade e extrapolam a perspectiva meramente ideológico dos governos atuais. Do ponto de vista da escola, as dificuldades impostas são de estrutura física das escolas, seja da falta de investimento por parte do estado para equipar estas escolas, ou pela desvalorização extrema do professor de sociologia.

Os salários pagos pelo estado são baixos, também a área tem sido desvalorizada sistematicamente, com uma carga horária semanal na grade curricular do ensino médio muito pequena, forçando assim os professores à se sobre carregarem com muitas salas de aula para

conseguirem fechar a sua carga horaria mensal. Desta forma, se constatou que está ocorrendo uma precarização do trabalho do professor e das próprias aula de sociologia que, ao mesmo tempo, também leva os alunos a não ter um contato de qualidade com a matéria, levando os alunos a maiores dificuldades de assimilar os conteúdos com a sua vivência em sociedade. Da mesma forma os alunos não observando relevância na disciplina tendem a ignorar as aulas causando assim vários problemas aos professores que lutam diariamente para tentar controlar a sala para minimamente dar o conteúdo aos interessados.

É importante observar que os problemas são muito maiores e complexos, o que citei acima apenas é o que considero mais fácil de resolver, mas sabemos que os professores enfrentam questões de violência, a presença de drogas nas escolas, bem como armas de fogo na posse de supostos alunos e tantos outros problemas como o desrespeito aos professores que talvez já é o nosso maior problema nas escolas. Esse contexto ao qual os professores estão expostos afeta diretamente o profissional da licenciatura que nada mais é, do que um ser humano, e que com certeza não quer ser desrespeitado no exercício do seu trabalho, que por sua vez está sujeito a desenvolver doenças psicológicas como a é caso da depressão.

Acredito que os problemas citados aqui e as possíveis consequências observadas sirva como reforço de que é indispensável o estágio nas escolas e que o graduando tenha contato antecipado com os desafios impostos pela licenciatura, em especial da sociologia, para que ele possa aprimorar suas práticas pedagógicas, e com isso nós possamos tentar fazer diferente usando os estágios como laboratório, para que um dia possamos reverter esta situação problemática vivida nas escolas, principalmente nas aulas de sociologia do ensino médio.

Destaco ainda que está pesquisa não teve a pretensão de apontar problemas e dar uma solução prática, pois as questões que envolvem a docência em sociologia são realmente muito complexas, e com certeza exige um estudo muito mais profundo e abrangente sobre o campo.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, S. M. de. BRIDI, M. A.; MOTIM, B. L. **Ensinar e aprender Sociologia no Ensino Médio**. São Paulo: Contexto, 2009.

BERNESTEIN, Basil. **A pedagogização do conhecimento: estudos sobre**

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Acesso em mar. 2017.

III Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

10 a 13 de setembro de 2019 | Naviraí - MS



FRANCO, S. A. P.; MARIANO, M. L.S. As várias dimensões na trilogia Jogos Vorazes: uma aplicação prática para o ensino médio. **Impulso**, Brasil, 25, set.

2015. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/impulso/article/view/2394/1653>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

MARIANO, M. L. S. **Qualidade Motivacional no Ensino Médio**: estudo sobre relações com a maturidade e a escolha profissional. 2015. 110 f. Dissertação (Mestrado)

MEUCCI, Simone. **A Institucionalização da Sociologia no Brasil**: os primeiros manuais e cursos. 2000, 157f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas –Universidade de Campinas, Campinas,2000.

NEVES, Ana Beatriz Maia; MELO, Camila. “**Professor regente e licenciandos no estágio supervisionado da prática de ensino: quem aprende com quem?**”. In: HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa (orgs.). *Dilemas e Perspectivas da Sociologia na Educação Básica*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012.

OLIVEIRA, Amurabi . **Revisitando a História do Ensino de Sociologia na Educação Básica**. *Acta Scientiarum. Education*, vol 35, n 2, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo, SP: Martins Editora, 2010.

VILELA, RITA.A.T. **o trabalho do professor nas condições de adversidade: escola, violência e profissão docente**. Belo Horizonte, 2006.